

**Editorial****Políticas Públicas, Democracia, Cultura e Trabalho Social**  
*Public Policy, Democracy, Culture and Social Work*

**Ana Cláudia de Jesus Barreto**  
Universidade Federal Fluminense

**Juliana Desiderio Lobo Prudencio**  
Universidade Federal Fluminense

*Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro. Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. (BELCHIOR).*

Que tempos desafiadores estamos vivendo! Contudo, o que vemos não é nada de novo, apenas é uma recapitulação da velha história de explorar, violentar, exterminar, impor uma lógica nascida das entranhas do ventre capitalista. A criança nasceu com muita fome de lucro acima de tudo. Não importando outras vidas, aliás essas outras devem servi-la e serem doces, alienadas e submissas. A criança cresceu, tornou-se adolescente e chegou a fase adulta. Neste processo muitas crises ocorreram e continuam, pois a crise é inerente a sua natureza. Como saída dessas crises, há a reinvenção, outras formas de reprodução para a realização da mais-valia. Uma das crises do capital sinalizou a instituição do estado de direito como resposta, assim nasceu o *welfare state* e após a crise seguinte a resposta foi: vamos acabar com o estado de direito, com a democracia, com as políticas públicas, a cultura, pois é nocivo ao pecado original – a fome de lucro. Evocando desta forma o passado que se reatualiza no presente, no sentido neoliberal, ou seja, as questões de ordem social devem ser respondidas minimamente pelo Estado, diz o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Então, o mercado volta a tônica no oferecimento dos seus serviços para quem pode comprar. Significando que parcela empobrecida, que tem endereço geográfico, cor e gênero definidos, ficaria fora do circuito de consumo, logo não é considerado cidadão/a aquele/a morador/a da periferia, majoritariamente composto por negros/as. Restando as políticas sociais emergenciais, focalistas e pontuais e que morrem à míngua não por falta de recursos e sim por não ser prioridade do Estado capitalista.

No Brasil desde 2016 assistimos à retomada dos grupos conservadores a direção política e por agora são chamados de extrema-direita. Aos poucos foram inflamando uma par-

cela da população, através de Fake News, a onda de ódio e aversão aos valores e princípios democráticos e a defesa de um estado autoritário, racista, homofóbico e sexista. As redes sociais transformaram-se em um podium de disputas verbais e ideológicas e ataques aqueles que lutam por um caminho socialista que vai na contramão da ordem burguesa. O mais contraditório dos contrários, dessa gente estranha é o ataque a liberdade de expressão e ao mesmo tempo recorre ao princípio constitucional para garantir esse direito, a fim de divulgar mentiras com o propósito de destruir a história de luta pelos direitos e consequentemente que afeta a classe que vive do trabalho.

Estamos no período pós-pandêmico com todas as sequelas psíquicas, emocionais, sociais e econômicas a todo vapor. A associação entre doenças pandêmicas e ideias fascistas é bem a expressão do domínio do capital sobre nossas vidas, que são concebidas como mera força de trabalho. As respostas as crises da realização da mais-valia, vêm sendo a cada dia endurecida através dos ataques a tudo que impede ao pecado original. O capital por onde passa deixa seus rastros de miséria, violência e expropriação. E sempre foi assim. Quando se esgota uma fonte de riqueza, acha-se outra. A terra pede socorro, a ganância está matando os Yanomamis, os quilombolas, e também aqueles que se levantam para defendê-los com o jornalista inglês Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira.

A ordem vigente se direciona para a exaltação de campos de concentração a céu aberto, no céu azul anil. As favelas, as comunidades e a cidade sediam altos índices de violência, fome, miséria e desemprego. A lógica da exclusão não é mais velada é escarnada, são corpos vivendo diariamente na dor da falta de um Estado que opere pela garantia de direitos sociais, pelos mínimos sociais.

Pensar, agir e fazer ciência neste cenário é aterrorizante. Se aproximar das expressões da questão social e possibilitar escritos críticos é a forma necessária para apresentarmos a sociedade denúncias e reflexões. Com isso, apresentamos mais um número da Revista Goitacá como campo tensionado de disputa pela democracia e pela vida.